

*Sinais 10 anos*

O ano de 2016 representa um momento especial para a trajetória da revista *Sinais*: a revista completará uma década de existência. Na tentativa de não deixar esta marca tão especial passar batida, a *Sinais*, através de sua equipe editorial, com o apoio do Núcleo de Estudos Indiciários e do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, traz um conjunto de novidades nesta nova edição. O site da *Sinais* (<http://www.periodicos.ufes.br/sinais/index>) foi reformulado, sendo criada uma nova identidade gráfica para a revista. Essa mudança, no entanto, não visa uma ruptura com a histórica proposta analítica da revista *Sinais*. Diferentemente, ela busca dar uma nova representação estética para os motivos acadêmicos que se inscrevem sobre o termo *Sinais* e, especialmente, sobre a dimensão interpretativa típica do estilo de pensamento das ciências sociais. Para além disso, o layout dos artigos da revista possui novo design, assim como a revista passa a ter uma forma de comunicação mais aberta e direta com o seu público através das redes sociais (<https://www.facebook.com/revistasinais>).

Criada em 2006, a *Sinais* publicou a sua primeira edição no ano seguinte, em 2007. Com uma periodicidade semestral, a *Sinais* contribuiu fortemente para a comunicação científica das pesquisas produzidas pela comunidade científica de cientistas sociais do Espírito Santo, sobretudo da UFES. A revista, neste caminho, presenciou a criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFES e do crescimento da relevância do seu curso de mestrado em nível regional e nacional. Nestes 10 anos, a *Sinais* contou com mais de 6 editores individuais, além do trabalho realizado coletivamente pelas equipes que assumiram a revista na inexistência de editores específicos. Dentre estes, especial destaque deve ser dado aos editores membros do curso de ciências sociais da UFES. A *Sinais* publicou até o momento a expressiva soma de 165 manuscritos (entre artigos, ensaios, resenhas, entrevistas), sendo que deste total pelo menos 1/3 das contribuições são de membros externos à comunidade local de cientistas sociais. Esta mudança no perfil dos autores das submissões

observada nos últimos anos indica o aumento da relevância da revista para as ciências sociais brasileira, o que se traduz no desafio de cada vez mais ampliar a sua participação nos demais círculos acadêmicos nacionais. As edições que se seguirão a este número, portanto, apresentarão de forma ainda mais clara esta tendência de “desregionalização” da revista Sinais.

A revista Sinais também possui uma nova equipe editorial. Composta em sua grande maioria por jovens cientistas sociais, este novo time representa também um pouco de espírito de renovação da revista. Sendo os membros desta equipe majoritariamente composta por cientistas sociais lotados em prestigiados programas de ciências sociais Brasil afora, o leitor desta revista poderá esperar boas surpresas nos semestres que virão.

Este novo número apresenta uma interessante seleção de manuscritos no campo das ciências sociais. Na seção de artigos, a edição n. 18 2015/2 apresenta cinco contribuições no campo da sociologia e da ciência política. Nair De Lourdes Sperandio abre esta edição com um debate relevante para o atual cenário político brasileiro: o tema da corrupção na política é refletido pela autora tendo como base textos históricos das ciências sociais. Para isso, desenvolve uma interessante análise do problema a partir dos três poderes da política capixaba. Para ela, a cultura política do Espírito Santo teria sido moldada pela lógica patrimonialista: a modernização da instituição política local não teria sido suficiente para neutralizar o uso do público pelo interesse privado. No artigo seguinte, Bruno Curtis Weber explora o potencial da *dialética ascendente* de Fredric Vandenberghe para o tratamento da dimensão teórica do interacionismo simbólico. Tendo em vista os paradoxos da relação entre agência e estrutura, B. C. Weber analisa a descrição do garçom de café feita por Sartre para, então, proceder com uma investigação teórica da sociologia contemporânea. Propõe, assim, uma perspectiva integradora para dar conta dos problemas da sociologia nos dias atuais.

Manuela Blanc, no terceiro artigo desta coletânea, apresenta um estudo sobre as trajetórias de jovens (ex) moradores de repúblicas universitárias e o processo de individualização experimentado a partir do seu afastamento do núcleo familiar. O seu estudo tomou como tema a dinâmica social de afastamento e aproximação destes jovens com relação ao núcleo familiar primário, sugerindo que o retorno indicaria um processo de estagnação ou recuo no processo de autonomização individual. Para isso, realizou uma interessante investigação das repúblicas universitárias ao redor da Universidade Federal Fluminense (UFF). A quarta contribuição, redigida por Igor S. Machado, apresenta um estudo teórico comparativo das obras de Antonio Gramsci e de

Theodor Adorno e Max Horkheimer. Tendo como chave heurística as diferentes formas de interpretação da crítica marxista, o autor trabalha o clássico tema do pessimismo da razão e do otimismo da vontade: enquanto Gramsci elabora uma teoria positiva direcionada à transformação social, os frankfurtianos destacam a chave negativa do potencial de transformação das mudanças observadas no seu tempo. Se a crítica, portanto, parece ser o elemento que une tais autores, a forma de condução da modernidade parece separar definitivamente estas duas tradições de pensamento.

Antonio M. Soares, fechando a seção de artigos desta edição, apresenta um artigo que revisa parte da literatura sociológica sobre estudos de violência, enfatizando a presença quase que universal do tema nas obras clássicas do pensamento social brasileiro. Conforme destacado pelo autor, o fenômeno da violência parece ser uma dimensão estrutural e cultural da formação da sociedade brasileira, assumindo na contemporaneidade um amplo leque de configurações, a exemplos das formas de jogos de poder, de relações de força e no movimento de fronteiras entre o legal e o ilegal.

Abrindo a seção de ensaios desta edição, Celina Pereira apresenta uma reflexão sobre poder e palavra no pensamento de Michel Foucault. Nesse sentido, o ensaio toma as publicações da Revista Brasileira de Estudos Políticos como objeto de indagação para abordar a temática do poder. Conforme observa a autora, não parece existir uma forma “mais legítima” de abordar este problema: *“a dinâmica do poder é cíclica, perpassando pelo “centro” e repercutindo até aos graus mais elementares da estrutura social, sem que exista um foco necessário ou exclusivo”*. Finalmente, *“por meio das palavras de sujeitos de poder, apresentou o poder como seu mais vivo objeto”*.

Na seção de resenhas, a Sinais publica duas contribuições. Julia B. Penachioni apresenta uma resenha da obra “Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias: histórias de Ruanda”, de Philip Gourevitch. Rodrigo Badaró traz a resenha da nova edição de “Cartas a favor da escravidão”, de José de Alencar, publicada pela editora Hedra.

A revista Sinais agradece a equipe editorial que auxiliou na produção deste novo número bem como felicita nossos pareceristas pelas importantes contribuições e sugestões, sem as quais esta edição não seria possível. Enfim, que estes 10 anos tenham sido apenas um ponto de inflexão inicial a marcar o início de uma longa caminhada.

Marcelo Fetz  
Márcia B. F. Rodrigues  
03/06/2016